

NACIONAL

EDITORIAL

ECONOMIA

OPINIÃO

INTERNACIONAL

SOCIEDADE

DESPORTO

CIDADES

ARTES

MEDIA

DN GENTE

SPORT



Músico português dirige orquestra em Londres

BERNARDO MARIANO



A Igreja de St. Luke, em Londres, recebe hoje a London Sinfonietta. A dirigi-la estará o compositor português Pedro Amaral, que brevemente editará em disco *Works For Ensemble*. Concerto e disco são iniciativa da delegação britânica da Gulbenkian, algo que Pedro Amaral qualifica de excelente, por ser "afirmação da nossa cultura no importante mercado inglês". Mas logo acrescenta: "devíamos fazer mais lóbi na defesa dos nossos produtos e valores", para o que preconiza uma "vontade política muito mais enérgica do Estado", que passaria por acabar com "uma das calamidades da nossa política cultural", que é "a escassez permanente de meios do Instituto Camões".

O compositor vê o seu percurso como "um aprofundar, entrar cada vez mais em nós próprios, tocar no essencial". Da preocupação inicial com o "lado ósseo" das obras, passou para "um rendilhado de Bilros permanente", com o que perdeu "uma certa tensão" - que está agora a recuperar. Diz ser preciso "equilibrar ímpeto e vigor com a docilidade", pelo que se declara "misto de poeta e animal". A sua convicção é que "devemos colocar na nossa obra tudo, o melhor e o pior, toda a nossa experiência e vivência". Mas sem o pensar: "Há que incorporar o pensamento no teu reflexo e deixar margem ao lado animal nesse reflexo."

Amaral é também figura de proa da electrónica, técnica com que pretende "uma expansão do material, da poética, do contexto". Objectivo é "levá-la a um estado de grande

OUTRAS NOTÍCIAS DA SECÇÃO

Compositor sem barreiras

Cultura dá três milhões a Berardo

Músico português dirige orquestra em Londres

As consequências involuntárias

Museu da Música e do Som pode abrir em 2009

integração" com a componente acústica, da qual deverá ser "ramificação auditivamente reconhecível". Dentro deste campo, anuncia "uma revelação fresca": está a criar, "com Miguel Azguime e Paula Castro Guimarães" o Som d'Arte Electric Ensemble, ligado "de raiz" à electrónica e "cuja especificidade é fazer música mista".

Na sua estética, reconhece dois principais predecessores: Boulez e Stockhausen. "Eles balizam a história", dirá. Estudou Boulez até "perceber intrinsecamente a sua maneira de funcionar". Ora em Stockhausen "pressentia um mundo que me era bastante alheio", e ainda hoje, apesar da "admiração pela obra e pela pessoa", reconhece não ter "nada a ver com a sua maneira de pensar a música". Daí haver obras que "contorna" e outras que o maravilham. Como "uma peça recente para duas harpas, que é do melhor que foi escrito nas últimas décadas" e onde divisa "um vigor primaveril, extraordinário num homem de quase 80 anos". Mas há ainda algo mais: "ele é praticamente o único que mantém um nível extraordinário de utopia!".

Amaral saberá do que fala: dedicou uma tese a *Gruppen* e outra a *Momento* (ver *biografia*) depois do que foi assistente do compositor na revisão da segunda. Às "centenas de alterações" que fez, Stockhausen "reagiu sempre muito bem" - "é um homem destemido", diz.

Da vanguarda histórica que Boulez e Stockhausen corporizam, diz tratar-se "da última e única linguagem estável e universal que tivemos depois do tonalismo".

Das aulas com Lopes-Graça, retém "os conselhos e soluções para problemas práticos", mas também alguém que "não te impunha um questionamento". O oposto, exactamente, encontrou em Emmanuel Nunes: "aquilo era mais psicanálise e filosofia, por vezes, que composição!". E exemplifica: "ele perguntava-me: 'A que é que corresponde em ti aquilo que escreveste?' ou 'Porque é que escolhes essa técnica?'...". Em quatro anos de aulas, recorda "uma única ocasião em que ele me propôs alterar uma nota".

Hoje colabora muito com o compositor e maestro Peter Eötvös: "sinto grandes afinidades com ele", e acrescenta, convicto: "É de longe o melhor músico que vi trabalhar!" Justifica-o pela "relação dele com a música que, mais que intelectual, é sensorial, artesanal, como se esculpisse a música enquanto dirige".

Agora está imerso em *Sonho*, ópera de câmara com estreia marcada para Outubro, sobre o fragmento dramático de cariz simbolista *Salomé*, deixado por Fernando Pessoa. Com *Sonho*, Amaral confessa ter-se gerado nele, pela primeira vez, "uma profunda identidade, uma extrema colagem" com a obra-em-criação. Sente-se como "um cirurgião a operar o seu próprio corpo". |